O El Niño não nasceu com as alterações climáticas. Muito antes da industrialização, o oceano Pacífico já alternava entre períodos de aquecimento e arrefecimento capazes de modificar a circulação atmosférica e influenciar o clima a milhares de quilómetros de distância. O que mudou não foi a existência do fenómeno, mas o contexto climático em que ele acontece. Em 2026, um El Niño particularmente intenso desenvolve-se num planeta progressivamente mais quente, criando uma combinação que merece atenção não apenas da climatologia, mas também da saúde pública, da agricultura, da economia e da gestão dos territórios.

A 3 de setembro de 2026, a World Meteorological Organization (WMO, 2026a) confirmou que o El Niño se encontra firmemente estabelecido no Pacífico tropical e deverá continuar a intensificar-se, podendo atingir uma intensidade muito forte. As previsões dos centros internacionais coordenados pela organização indicam uma probabilidade próxima de 100% de persistência até fevereiro de 2027. Nos Estados Unidos, o Climate Prediction Center da National Oceanic and Atmospheric Administration apresenta uma avaliação igualmente significativa: existe uma probabilidade superior a 90% do episódio atingir intensidade muito forte durante o outono e o inverno de 2026–2027 (National Oceanic and Atmospheric Administration [NOAA], 2026). Estes valores justificam atenção e preparação, mas não alarmismo. Um El Niño intenso aumenta determinados riscos climáticos; não permite prever antecipadamente todos os acontecimentos meteorológicos de 2027.

Compreender esta diferença exige começar pelo próprio fenómeno. El Niño corresponde à fase quente do El Niño–Southern Oscillation (ENSO), um sistema de interação entre oceano e atmosfera no Pacífico tropical. Em condições habituais, os ventos alísios contribuem para deslocar águas superficiais mais quentes em direção ao Pacífico ocidental. Durante um episódio de El Niño, estes ventos enfraquecem e águas anormalmente quentes expandem-se pelo Pacífico equatorial central e oriental. A alteração modifica as trocas de energia entre oceano e atmosfera e interfere na circulação atmosférica em grande escala. Por esta razão, aquilo que começa no Pacífico pode produzir consequências climáticas a milhares de quilómetros de distância.

Os padrões de precipitação podem deslocar-se; determinadas regiões tornam-se mais secas e outras registam precipitação superior ao habitual. Alteram-se também probabilidades de temperaturas extremas e padrões associados à atividade ciclónica. Um El Niño forte pode, portanto, estar relacionado com secas, inundações, ondas de calor e alterações importantes nos ecossistemas e na produção agrícola. Contudo, estas relações são probabilísticas e

variam geograficamente. A própria WMO (2026a) salienta que um episódio muito forte pode modificar significativamente os padrões mundiais de temperatura e precipitação e aumentar os riscos de fenómenos extremos, razão pela qual os serviços meteorológicos e hidrológicos estão a reforçar as medidas de preparação e alerta.

Esta incerteza é essencial para distinguir previsão climática de previsão meteorológica. A ciência consegue identificar, com meses de antecedência, alterações na probabilidade de determinados padrões sazonais. Não consegue utilizar a existência de El Niño, isoladamente, para afirmar qual será o estado do tempo numa determinada cidade numa semana específica de 2027. Mesmo nos Estados Unidos, onde as teleconexões associadas ao ENSO são amplamente estudadas, a NOAA (2026) sublinha que uma maior intensidade do fenómeno aumenta a possibilidade de impactos consistentes com El Niño, mas não garante que estes impactos ocorram exatamente como nos episódios anteriores.

Esta distinção torna-se ainda mais importante quando introduzimos as alterações climáticas. El Niño e aquecimento global não são sinónimos. O primeiro corresponde a uma componente natural da variabilidade do sistema climático; o segundo constitui uma tendência de longo prazo associada sobretudo ao aumento antropogénico das concentrações de gases com efeito de estufa. Seria, portanto, cientificamente incorreto afirmar que as alterações climáticas “criaram” o El Niño de 2026–2027.

O ponto fundamental encontra-se noutro lugar: um fenómeno natural está atualmente a desenvolver-se sobre uma linha de base climática mais quente. Em 2026, a WMO tem continuado a documentar temperaturas excecionalmente elevadas tanto em superfícies continentais como oceânicas. O El Niño acrescenta a sua variabilidade natural a este contexto térmico, podendo favorecer novos aumentos da temperatura média global e modificar padrões regionais de precipitação (WMO, 2026b). A interação não significa que todos os fenómenos extremos possam ser atribuídos diretamente ao El Niño, mas significa que os riscos precisam de ser avaliados num sistema climático diferente daquele em que episódios semelhantes ocorreram há várias décadas.

Uma forma simples de compreender esta relação consiste em imaginar uma onda sobre um nível do mar progressivamente mais elevado. A onda continua a possuir a sua própria dinâmica, mas parte de uma linha de base diferente. Da mesma forma, o El Niño continua a ser uma oscilação natural, mas atua num planeta em aquecimento. É precisamente esta

sobreposição que torna 2027 particularmente relevante do ponto de vista da gestão do risco.

As consequências podem começar na água. Alterações nos regimes de precipitação podem provocar défices hídricos numa região e excesso de água noutra. Em territórios expostos à seca, precipitação insuficiente pode reduzir reservas, aumentar a pressão sobre sistemas de abastecimento e afetar a agricultura. Noutras regiões, precipitação intensa pode aumentar o risco de cheias, movimentos de vertente, erosão, contaminação de fontes de água e destruição de infraestruturas. A WMO (2026a) considera precisamente os recursos hídricos entre os setores que necessitam de informação climática antecipada durante o atual episódio.

A agricultura encontra-se igualmente exposta. Temperatura, água disponível e distribuição sazonal da precipitação influenciam diretamente a produtividade das culturas. Uma seca durante uma fase crítica do ciclo vegetal pode reduzir significativamente a produção, mesmo quando a precipitação anual total não apresenta um défice extremo. Da mesma forma, chuva excessiva durante períodos específicos pode prejudicar plantações, atrasar colheitas ou favorecer determinadas doenças. Em 2026, os efeitos da variabilidade da precipitação já estão a aumentar a preocupação em importantes regiões agrícolas, demonstrando como um fenómeno climático pode rapidamente transformar-se num problema de segurança alimentar.

Quando a produção agrícola diminui simultaneamente em diferentes regiões, as consequências ultrapassam o campo. Menor oferta pode pressionar preços, alterar fluxos comerciais, aumentar custos de importação e afetar especialmente agregados familiares de menores rendimentos, nos quais os alimentos representam uma parcela maior do orçamento. O clima entra, assim, no supermercado através de mecanismos económicos que muitas vezes permanecem invisíveis ao consumidor. É também por esta razão que a WMO (2026c) inclui agricultura, comércio, energia e cadeias de abastecimento entre os setores potencialmente afetados pelo episódio de 2026–2027.

A saúde pública constitui outra dimensão fundamental. Temperaturas extremas aumentam os riscos de desidratação, exaustão térmica e agravamento de doenças cardiovasculares e respiratórias, afetando particularmente idosos, crianças, trabalhadores expostos ao exterior e pessoas com doenças crónicas. Mas as consequências podem ultrapassar o calor. Alterações da precipitação e da temperatura podem modificar condições ambientais relevantes para

alguns vetores de doenças; inundações podem comprometer a água potável e o saneamento; secas prolongadas podem agravar problemas de segurança alimentar; e incêndios florestais podem deteriorar significativamente a qualidade do ar. A relação entre El Niño e saúde é, portanto, complexa e dependente do território, mas suficientemente relevante para justificar preparação antecipada.

Os oceanos constituem outra área de preocupação. O aquecimento das águas pode provocar stress térmico nos ecossistemas marinhos e alterar a distribuição e produtividade de determinadas espécies. Para comunidades cuja subsistência depende das pescas, uma alteração ecológica pode transformar-se rapidamente num problema económico e social. O mesmo princípio aplica-se ao turismo: alterações persistentes de temperatura, precipitação, disponibilidade de água, risco de incêndio ou estado dos ecossistemas podem modificar a procura e as condições de funcionamento dos destinos.

É neste ponto que El Niño deixa de ser apenas um tema meteorológico e passa a constituir também um problema de gestão. Governos necessitam de planear recursos hídricos; sistemas de saúde precisam de preparar respostas ao calor extremo; agricultores necessitam de previsões sazonais úteis; municípios devem identificar populações vulneráveis; empresas precisam de avaliar riscos nas cadeias de abastecimento; e operadores turísticos necessitam de integrar progressivamente a informação climática nas suas decisões. Segundo a WMO (2026c), a preparação para o atual episódio exige precisamente uma articulação entre informação climática, gestão de riscos e setores sensíveis, incluindo agricultura, saúde, energia, água e gestão de desastres.

Para Portugal, incluindo regiões insulares como Madeira e Açores, é particularmente importante evitar extrapolações simplistas. As teleconexões entre ENSO e Europa são menos diretas e consistentes do que as observadas em várias regiões tropicais e subtropicais. A circulação atmosférica do Atlântico Norte depende da interação entre diferentes mecanismos, pelo que não é cientificamente adequado afirmar, com base apenas na presença de El Niño, que Portugal terá seca, precipitação extrema ou mais tempestades em 2027. O fenómeno pode alterar probabilidades, mas não determina isoladamente o resultado.

Esta diferença entre risco e certeza é fundamental para uma comunicação climática responsável. A ciência não necessita de exagerar para justificar preparação. Em setembro de

2026, sabemos que existe um El Niño firmemente estabelecido, que deverá continuar a intensificar-se, que a probabilidade de persistência até fevereiro de 2027 é excecionalmente elevada e que ocorre num contexto de temperaturas terrestres e oceânicas muito elevadas (WMO, 2026a; NOAA, 2026). O que não sabemos é exatamente como todos esses fatores se irão combinar em cada região.

Talvez, por isso, a pergunta mais importante não seja se 2027 irá estabelecer um novo recorde climático. A questão verdadeiramente relevante é saber se sociedades, governos e organizações estão preparados para gerir os riscos. Preparação significa melhorar a previsão e o alerta precoce, gerir água de forma eficiente, adaptar sistemas de saúde, proteger populações vulneráveis, aumentar a resiliência da agricultura e das infraestruturas e integrar informação climática nas decisões económicas. A previsão só produz verdadeiro valor social quando chega, em tempo útil, às pessoas capazes de agir.

El Niño continuará a aparecer e desaparecer, como acontece há séculos. Depois dele, existirão novamente condições neutras e outros episódios de La Niña. A variabilidade natural continuará a fazer parte do sistema terrestre. Mas o planeta sobre o qual esta variabilidade atua está a mudar. Talvez seja esta a mensagem essencial para 2027: El Niño continua a ser natural, mas o contexto climático em que ocorre já não é o mesmo.

E quando um fenómeno natural poderoso encontra um planeta mais quente, a resposta mais eficaz não é o medo. É conhecimento, antecipação, prevenção e capacidade de adaptação.

Referências Bibliográficas

National Oceanic and Atmospheric Administration. (2026). El Niño/Southern Oscillation (ENSO) diagnostic discussion. Climate Prediction Center.

World Meteorological Organization. (2026a, September 3). El Niño set to become very strong, raising risks of extreme weather into 2027. WMO.

World Meteorological Organization. (2026b). El Niño/La Niña update: August 2026. WMO.

World Meteorological Organization. (2026c, September 3). An exceptional El Niño demands an exceptional response. WMO.